

O tomismo fenomenológico de Edith Stein

Ivanaldo Santos¹

Resumo: O objetivo do presente artigo é apresentar o tomismo fenomenológico de Edith Stein. Afirma-se que o frutífero diálogo desenvolvido por Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino possibilitou, de um lado, uma ampliação da pesquisa no campo fenomenológico. Uma pesquisa que estava restrita à ciência e à psicologia ampliou-se para a educação e a vida religiosa. Do outro lado, ela demonstrou que Tomás de Aquino não está preso a Idade Média. Ele tem muito a contribuir com a filosofia contemporânea e com a rehumanização do homem. O tomismo desenvolvido por Edith Stein, conhecido como tomismo fenomenológico, é uma das grandes e fecundas contribuições que o neotomismo deu à filosofia no século XX.

Palavras Chave: Edith Stein. Fenomenologia. Diálogo. Husserl. Tomás de Aquino.

Edith Stein's phenomenological Thomism

Abstract: The aim of this paper is to present Edith Stein's phenomenological Thomism. It is said that the fruitful dialogue developed by Edith Stein between Husserl and Aquinas led, on the one hand, to an expansion of research in the phenomenological field. A search that was restricted to science and psychology has broadened to education and religious life. On the other hand, it showed that Aquinas is not stuck in the Middle Ages. He has much to contribute to contemporary philosophy and to mankind. Thomism developed by Edith Stein, known as phenomenological Thomism, is a major and fruitful contribution that neo-Thomism gave to philosophy in the twentieth century.

Keywords: Edith Stein. Phenomenology. Dialogue. Husserl. Thomas Aquinas.

Edith Theresa Hedwing Stein (1891-1942), mais conhecida como Edith Stein, foi uma filósofa e teóloga cristã. De origem judia, durante grande parte de sua vida ela foi ateia, mas converteu-se ao catolicismo, tornando-se posteriormente monja carmelita descalça e adotando o nome cristão de Teresa Benedita da Cruz. Primeira mulher a defender uma tese de filosofia na Alemanha, foi discípula e depois assistente de Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia. Faleceu aos 51 anos, no campo de concentração de Auschwitz, vítima da perseguição nazista aos judeus, aos descendentes ou simpatizantes do judaísmo. Em 11 de outubro de 1998, foi canonizada pelo Papa João Paulo II como Santa Teresa Benedita da Cruz, popularmente conhecida como Santa Edith Stein.

É por causa dessa vida tão cheia de desafios, de conquistas, de reflexão filosófica, de sofrimento, de experiência e culminando com o martírio, que a Madre Teresa Renata del Espírito Santo² considera Edith Stein como uma mulher que representa e sintetiza o século XX. Na vida e na obra de Edith Stein, estão presentes os sofrimentos, as esperanças e as reflexões intelectuais que guiaram o século XX.

No entanto, a obra intelectual de Edith Stein é muito vasta. Trata-se de uma obra que abarca temas variados, como, por exemplo, a fenomenologia, a pedagogia, a vida mística, as relações entre a Igreja e o mundo secularizado e críticas ao nazismo. É impossível em um artigo acadêmico analisar uma obra tão rica e complexa. Por isso, optou-se por se fazer um estritamente temático e, com isso, deixar a discussão mais enxuta e de fácil acesso ao grande público. Por causa disso, o objetivo do presente artigo é apresentar o tomismo fenomenológico de Edith Stein.

¹ Pós-doutorado em estudos da linguagem pela USP, doutor em estudos da linguagem pela UFRN, professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.

² ESPÍRITU SANTO, M. T. R. *Edith Stein: una gran mujer de nuestro siglo*. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

Como muitas pessoas e famílias europeias no final do século XIX e início do XX, Edith Stein não nasceu cristã. De acordo com sua sobrinha Susanne M. Batzdorff³, ela teve uma educação dentro do judaísmo. Uma educação que oscilou entre o rigor da observância da religião judaica e o amor fraternal presente no meio da família. Inclusive sua família demorou muito a aceitar sua conversão ao catolicismo e, posteriormente, o fato de ter se tornado monja carmelita. Após uma fase que pode ser descrita como de *vivência dos valores religiosos judaicos*, Edith Stein abraça apaixonadamente duas convicções em sua vida.

A primeira convicção foi o ateísmo. No entanto, o ateísmo dela não era uma reação preconceituosa e, muitas vezes, inconsequente contra a religião. Uma reação bem comum às multidões que contemporaneamente se proclamam ateias. Pelo contrário, tratava-se de um questionamento sobre a validade das práticas culturais e, ao mesmo tempo, uma busca sincera por encontrar a verdade. De acordo com Jacinta Turolo Garcia, “desde a adolescência, a jovem filósofa havia abandonado a fé judaica em que fora formada na infância e, mesmo em sua busca constante da verdade, considerava-se atea”⁴. Durante toda a sua vida Edith Stein sempre buscou a verdade. É por esse motivo que Ciro Garcia⁵ a considera como a *filósofa da busca da verdade*. Para ele, Edith Stein não representa a filosofia que encontrou a verdade e que, por isso, se encontra em uma posição confortável e estável. Pelo contrário, ela representa a filosofia que vive num constante estado de inquietação, da não-certeza e, por isso, precisa buscar a cada instante a verdade.

A segunda convicção foi o encontro com o seu primeiro mestre, ou seja, Edmund Husserl e, por conseguinte, o estudo sério e apaixonado da fenomenologia⁶. A fenomenologia husserliana era a teoria mais debatida e difundida na década de 1920 na Europa. Edith Stein, que naquele momento era uma jovem em busca da verdade, interessou-se vivamente pela fenomenologia.

O problema diante do qual se colocou Husserl, desde as suas primeiras obras, foi o seguinte: o que resta quando o indivíduo realiza a dúvida universal no sentido proposto por Descartes? A resposta cartesiana é o *ego cogito*, o eu pensante. Para Husserl o que permanece no íntimo do *cogito* são as atitudes do eu pensante. A vida do eu pensante se traduz em atos constituindo as coisas e aos outros.

Para a teoria psicológica do início do século XX, os princípios lógicos, e em consequência a matemática, encontravam seus fundamentos nas leis psicológicas. Daí se justifica que as primeiras preocupações de Husserl são relativas aos fundamentos da matemática e da lógica, buscando encontrar certezas fundadas sobre a evidência.

Em seguida, ele edifica a fenomenologia mostrando, com isso, como ela é um método e como deve ser uma filosofia primeira ou metafísica: é a fase das reduções e o acesso às evidências puras. Ele se esforça por mostrar como se vai da fenomenologia ao idealismo transcendental. Os seus estudos marcantes desta época são as *Meditações Cartesianas*⁷, onde na 5ª meditação já é colocado o problema do outro, que será retomado por Max Scheler e Sartre, cada um com uma perspectiva muito específica.

³ BATZDORFF, S. M. *Minha tia Edith: a herança judaica de uma santa católica*. Madrid: Espiritualidad, 2001.

⁴ GARCIA, J. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. 2 ed. Bauru: Edusc, 1999.

⁵ Garcia, C. *Edith Stein ou a busca da verdade*. Burgos: Monte Carmelo, 1998.

⁶ Sobre a fenomenologia de Edmund Husserl recomenda-se consultar: HUSSERL, E. *A ideia da fenomenologia*. São Paulo: Editora 70, 2011; HUSSERL, E. *Investigações lógicas e outros textos*. São Paulo: Abril, 1996.

⁷ HUSSERL, E. *Meditações cartesianas*. São Paulo: Centro de Filosofia, 2010.

Por último, Husserl constata que tanto a filosofia quanto a ciência estão em constante modificação, dado o caráter situacional do homem. Daí advém suas preocupações com a filosofia da história, das relações com o corpo etc.

Husserl tentará, de um lado, mostrar que a reflexão é reveladora das influências do meio, que todo pensamento está mergulhado na experiência vivencial, no fluxo temporal; será assim, um pensamento vivencial, no fluxo temporal. Com isso será um pensamento e uma consciência histórica. Por outro lado, Husserl quer mostrar o valor e a importância de colocar entre parênteses esse vivencial, esse conjunto de afirmações que estão implicados na nossa experiência existencial e para ver melhor, não são as realidades experimentadas, mas sim o caráter de serem experimentadas. Em outras palavras, Husserl quer liberar o olhar para a análise do vivido, que não pode ser definido, mas apenas descrito.

Husserl não colocará em dúvida, como Descartes, a realidade do mundo exterior. Ele realizará a *epoché* fenomenológica, que consiste em proibir todo juízo que verse sobre a existência espaço-temporal. Essa redução colocará entre parênteses a realidade do mundo, bem como os conhecimentos científicos que deles possamos ter; colocará entre parênteses, ainda, o homem enquanto ser natural, sua dimensão empírica, a lógica e a matemática. Desta forma, a redução nos prepara para a descrição dos atos mediante os quais se percebe, imagina e julga os objetos. Pela redução, vamos da experiência do mundo às descrições das atividades do sujeito transcendental. A análise fenomenológica será, portanto, a análise dessas direções do nosso olhar feita pela consciência. Esta consciência é dita intencional porque se dirige, visa a um objeto.

Foi dentro da fenomenologia de Husserl que Edith Stein desenvolveu grande parte do seu pensamento filosófico. Se ela não tivesse se convertido ao catolicismo e se aproximado da obra de Tomás de Aquino, grande mestre do pensamento ocidental, provavelmente teria seguido o desenvolvimento das ideias fenomenológicas da época, as quais analisavam a ciência, a matemática, a lógica e a psicologia. No entanto, como salienta Júlio Fragata⁸, o surpreendente dentro do movimento fenomenológico, criado por Edmund Husserl, foi a conversão de sua assistente e antiga discípula, ou seja, Edith Stein, aos 30 anos de idade, judia de origem, abraçou a religião católica comovida pela leitura da autobiografia de Santa Teresa d'Ávila⁹. Por causa disso, ela recebeu o batismo cristão em 1922.

Vale salientar que, por ter sido assistente de Husserl, Edith Stein teve o privilégio de conhecer de perto a pessoa e as ideias de um dos mais brilhantes alunos de Husserl, que, mais tarde, se transformaria num dos mais importantes filósofos do século XX, Martin Heidegger. Ela publicou uma das mais lúcidas obras que apresentam o pensamento de Heidegger. Trata-se do livro *A filosofia existencial de Martin Heidegger*¹⁰.

No entanto, a conversão de Edith Stein, assim como a conversão de outros grandes pensadores ao cristianismo, não se deu de forma imediata e repentina. Foi fruto de uma longa reflexão, busca pela verdade e leituras e conversas com religiosos católicos. Como salienta Jacinta Turolo Garcia¹¹, desde o período em que lecionou no Instituto Santa Maria Madalena, das Irmãs Dominicanas, em Speyer, na Alemanha, quando tinha aproximadamente 28 anos, ela se aproximou da fé cristã.

⁸ FRAGATA, J. O problema de Deus na fenomenologia de Husserl. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*, T. 17, Fasc. 2, Abr.-Jun., 1961, p. 114.

⁹ Há uma tradução em português da autobiografia de Santa Teresa d'Ávila, sendo ela: D'ÁVILA, S. T. *O livro da vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

¹⁰ STEIN, E. *La filosofía existencial de Martin Heidegger*. Madri. Trotta, 2010.

¹¹ GARCIA, J. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. op., cit., p. 16.

A conversão definitiva só se deu dois anos depois, ou seja, em 1921, quando ao passar as férias desse ano na casa do seu amigo protestante Von Martiun, na Baviera, numa noite em que estava com insônia, pegou por acaso, na biblioteca, a autobiografia de Santa Teresa d'Ávila. Como salienta Patricio Sciadini, “um livro errado, numa casa errada e numa biblioteca errada”¹². No entanto, ela lê o livro em uma só noite e pela manhã exclama: *encontrei a verdade*. Logo, a verdade que ela buscava desde a adolescência. Uma busca que a fez mergulhar no ateísmo e estudar com afinco a fenomenologia de Husserl.

A verdade que Edith Stein encontrou foi a mais radical verdade que existe, ou seja, a verdade da cruz ou como ela sintetizou: a *ciência da cruz*. Essa síntese, bela e radical, é encontrada em seu último livro, *A ciência da cruz*¹³. No entanto, na condição de filósofa e de estudiosa das ciências humanas, ela não se contentou em realizar uma experiência mística e radical de conversão. Ela queria mais, ela queria mergulhar no universo do pensamento cristão, justamente o pensamento responsável, em grande medida, pela construção e consolidação da civilização ocidental.

De acordo com Jacinta Turolo Garcia¹⁴, os padres Schwind, Przywara e o abade beneditino Walzer orientaram os primeiros passos da nova cristã, ou seja, de Edith Stein. Além disso, apresentaram-na aquele que seria o seu segundo mestre, ou seja, Tomás de Aquino. De acordo com Patrício Sciadini, a partir desse instante, uma “nova paixão toma conta dela: a filosofia tomista. Como conciliar a fenomenologia de Husserl com Tomás de Aquino?”¹⁵. Esse é o dilema que se coloca diante de Edith Stein.

Por causa desse dilema, ela mergulha na obra de Tomás de Aquino, mas não fez um mergulho horizontal, ou seja, a realização da pura leitura do texto filosófico. Ela fez um mergulho vertical, leu a obra do Aquinate, fez anotações, buscou os problemas filosóficos que estão contidos nessa obra. Entre 1922, ano do seu batismo, até 1933, ano em que o partido nazista chega ao poder na Alemanha, Edith Stein teve um contato mais aprofundado com as obras de Tomás de Aquino.

De acordo com Jacinta Turolo Garcia¹⁶, logo após o seu batismo, em 1922, sem deixar de colaborar com o grupo que, juntamente com Husserl, pesquisava a fenomenologia, mais conhecido como Círculo de Gottinga¹⁷, ela começa a ajudar um pequeno grupo de intelectuais católicos que se formou em torno de Dietrich Von Hildebrand, na época também recentemente convertido ao catolicismo, do monge beneditino Dom Daniel Feuling e do padre jesuíta Eric Przywara. A partir daí, ela começa a fazer parte do círculo tomista do mosteiro beneditino de Beuron, na Alemanha, e recebe a incumbência de traduzir, do latim para o alemão, as *Questões disputadas sobre a verdade*, de Tomás de Aquino. Vale salientar que, desde a adolescência, a verdade é o tema que lhe fascina e o seu verdadeiro objeto de pesquisa. A tradução das *Questões disputadas sobre a verdade*, de Tomás de Aquino, foi de grande importância para a formação tomista de Edith Stein, pois ela se empenhou não só em traduzir a obra, mas confirmou seu profundo conhecimento filosófico e possibilitou-lhe analisar mais detalhadamente o conjunto da obra do Aquinate. Por causa disso, essa tradução foi muito apreciada e elogiada não só na Alemanha e nos países de língua alemã, mas em todo o mundo tomístico da época. Com isso, Edith

¹² SCIADINI, P. O heroísmo de Edith Stein. In: *Cidade Nova*, dezembro de 1998, p. 17.

¹³ STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. São Paulo: Loyola, 2002.

¹⁴ GARCIA, J. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. op., cit, p. 16.

¹⁵ SCIADINI, P. O heroísmo de Edith Stein. op., cit, p. 16.

¹⁶ GARCIA, J. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. op., cit, p. 43.

¹⁷ Com relação a participação de Edith Stein no Círculo de Gottinga recomenda-se consultar: CRESPO, M. Edith Stein y la fenomenología: el Círculo de Gotinga. In: *Cuadernos de pensamiento*, N. 13, 1999 (Ejemplar Dedicado a Edith Stein), p. 29-42.

Stein pode entrar, de forma singular, para os debates e produções acadêmicas do neotomismo da primeira metade do século XX.

No entanto, a mais brilhante contribuição de Edith Stein para o debate entre Husserl e Tomás de Aquino¹⁸ e, com isso, a constituição de um tomismo fenomenológico, foi a publicação, em 1929, no *Jornal de Filosofia e de Fenomenologia*, a revista que divulgava as ideias do Círculo de Gottinga, por ocasião das comemorações dos 60 anos de Edmund Husserl, do brilhante artigo *Que é filosofia: um diálogo entre Edmund Husserl e Tomás de Aquino*¹⁹. Nesse artigo, ela não apresenta exatamente uma confluência doutrinal entre os dois pensadores, mas acima de tudo de afinidades. Segundo ela, em ambos vive a filosofia perene, entendida não como um sistema fechado, mas como autêntico espírito do filosofar, que vive em cada filósofo, isto é, naquele que é impulsionado para uma busca aprofundada, em direção ao *logos* ou numa perspectiva tomista a *ratio*. Ambos estão convencidos da existência desse *logos* que o filósofo pode descobrir gradativamente se, entretanto, proceder com rígida honestidade intelectual. Em ambos, a filosofia é ciência rigorosa, não é produto nem da sensibilidade, nem da fantasia e menos ainda uma opinião pessoal. Ela é tarefa da razão indagadora, sóbria e serena.

Nesse brilhante artigo, Edith Stein apresenta o método fenomenológico desenvolvido por Husserl e a perspectiva da razão natural e sobrenatural desenvolvida por Tomás de Aquino. No entanto, a grande inovação contida no artigo não é a apresentação resumida do conjunto das ideias de um pensador medieval, ou seja, Tomás de Aquino, e um contemporâneo, Edmund Husserl, mas o fato dela demonstrar que o método fenomenológico pode ser aplicado a problemas que, até aquele momento, isto é, 1929, não tinham sido pensados pela fenomenologia, como, por exemplo, a relação entre a fé, o saber e a mística. Com esse artigo, Edith Stein provoca um aperfeiçoamento na fenomenologia, pois até aquele momento essa escola filosófica se debruçava apenas sobre os problemas da ciência, da lógica, da matemática e da psicologia. Edith Stein abriu um novo campo dentro das pesquisas fenomenológicas. Com isso, possibilitou a existência do chamado *tomismo fenomenológico*.

É por causa disso que Cornélio Fabro afirma que Edith Stein é um “espírito fortemente especulativo, desde os primeiros tempos de sua conversão, sentiu a atração por Santo Tomás de Aquino que estudou a fundo, assimilando com seguro intuito os valores perenes, incluindo-os com agudo propósito na trama do método husserliano”²⁰. Por isso, pode se afirmar que o diálogo Husserl-Tomás de Aquino, empreendido por Edith Stein, representa um oxigênio novo, novos ares, uma nova perspectiva para o tomismo e para a filosofia. O tomismo fenomenológico, desenvolvido por ela, representa uma nova vereda nos estudos filosóficos.

Em 1932, Edith Stein fez uma apresentação oral do conteúdo desse artigo no Congresso Tomista de Juvisy, na Alemanha. Na ocasião, ela foi a única mulher a ser convidada e a pronunciar uma palestra. No ensejo, ela apresenta uma visão geral do método fenomenológico e das teorias de Husserl e depois apresenta o diálogo Husserl-Tomás de Aquino. Ela demonstra que é possível haver um diálogo entre a

¹⁸ Uma síntese do debate entre Husserl e Tomás de Aquino, promovido por Edith Stein, pode ser encontrada em: CAMPOS, F. A. Tomismo de Edith Stein: um diálogo com a fenomenologia de Husserl. In: *Convivium*, v. 49, n. 6, 1982, p. 528-534; FAITANIN, P. A “individualização da pessoa” em Edith Stein: o legado de Husserl e de Tomás de Aquino. In: *Coletânea*, Revista do Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro, Ano II, Fasc. 4, 2003, p. 163-176.

¹⁹ STEIN, E. *¿Qué es filosofía?: un diálogo entre Edmund Husserl y Tomás de Aquino*. Madri: Ediciones Encuentro, 2001.

²⁰ FABRO, C. Della fenomenologia al Carmemo, al Campo de Concentramento. In: *L'Osservatore Romano*, 06/04/1951, p. 3.

intuição eidética de Husserl e o *intus legere* de Tomás de Aquino. Sua demonstração causa espanto, perplexidade e muitos debates, de forma mais direta, na sociedade tomista, e, de forma mais ampla, nos círculos filosóficos não tomistas. De um lado, até aquele momento o pensamento de Husserl era visto como uma filosofia ateia e uma vertente do materialismo cientificista do século XIX. Tanto os discípulos de Husserl como muitos intelectuais católicos não acreditavam que seria possível aplicar a fenomenologia husserliana a temas não relacionados diretamente com a epistemologia científica. Temas, por exemplo, como a pedagogia e a vida mística. Do outro lado, na primeira metade do século XX, havia dentro do neotomismo uma forte preocupação de ler e interpretar, quase que ao pé da letra, a obra de Tomás de Aquino, sem contar que havia muito medo, na época, de se realizar um diálogo entre a obra do Aquinate e a filosofia contemporânea. Havia o medo de se paganizar ou se secularizar essa obra.

Edith Stein rompe com todos esses medos. De um lado, ela demonstra que o método fenomenológico não pode ser usado apenas para a pesquisa em epistemologia científica. Ele deve ser utilizado em outras pesquisas que, muitas vezes, não constam do cânone da ciência, como é o caso da vida mística. Do outro lado, ela apresenta um Tomás de Aquino vivo, não um filósofo católico da Idade Média, mas um pensador universal capaz de dialogar com qualquer escola filosófica, como é o caso da fenomenologia. Numa época, o início do século XX, na qual a filosofia católica era desvalorizada, que em muitas escolas e universidades era até mesmo proibida a leitura de autores católicos, Edith Stein demonstra a universalidade do pensamento de Tomás de Aquino e coloca-o para dialogar com a mais influente teoria ateia da época.

Em 1941, um ano antes de ser condenada a morte, pelos nazistas, à câmara de gás no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia, ela escreve o seu último artigo que, de forma direta, comenta e analisa a obra de Tomás de Aquino. Ela escreve um pequeno livro, cujo título é *As vias do conhecimento de Deus*, sobre a teologia simbólica do Pseudo-Dionísio, o Areopagita. Esse artigo é importante para a compreensão da formação do pensamento de Tomás de Aquino. Para ela, o Pseudo-Dionísio foi o pensador que mais exerceu influência sobre o Aquinate. O motivo é que ele demonstrou ao Aquinate a importância da via negativa, ou seja, os limites da razão e da linguagem. Com isso, o Aquinate pôde compreender a relevância da vida mística, da contemplação direta de Deus, sem passar pelo senso da racionalidade. E Edith Stein apresenta um lado que, na primeira metade do século XX, era pouco conhecido de Tomás de Aquino. Naquela época, havia uma grande preocupação de apresentá-lo como racional, defensor da *polis*, do *logos* e da Igreja. Diante de uma sociedade cada vez mais ateia e secularizada que, sem nenhum pudor, se levantava contra a Igreja, era preciso apresentar o Aquinate como um guardião da cristandade. No entanto, ela apresenta o lado místico e defensor da dignidade humana de Tomás de Aquino. Edith Stein foi uma das primeiras a ver em Tomás de Aquino o *Doctor Humanitatis*, reconhecido, mais de quarenta anos depois, pelo Papa João Paulo II.

Apesar de oficialmente Edith Stein ter escrito poucos artigos relacionando o pensamento de Husserl com Tomás de Aquino, configurando com isso um tomismo fenomenológico, a influência dessa relação está diluída em sua obra. Por exemplo, foi graças ao diálogo Husserl-Tomás de Aquino que Edith Stein²¹ pode perceber a mulher como objeto de investigação fenomênica (uma influência de Husserl) e, ao mesmo tempo, ver que ela possui uma missão de dignificação da sociedade e da humanidade. Essa missão é fruto da natureza e da graça de Deus (uma influência de Tomás de Aquino).

²¹ STEIN, E. *A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça*. Bauru: Edusc, 1999.

Outro exemplo é a educação. Edith Stein foi uma grande educadora e, até por esse motivo, grande parte dos seus escritos são sobre pedagogia. De um lado, ela estava preocupada com a educação voltada para a ciência, para a lógica e a matemática (uma influência de Husserl). Do outro lado, ela via em Tomás de Aquino o educador por essência, alguém que buscou a verdade e que deixou como legado a necessidade de não ficar preso às aparências da verdade. A ciência, a lógica e a matemática estão cheias de aparências de verdade, mas não da verdade. Ela só pode ser encontrada além dos muros da ciência, sem contar que Edith Stein presenciou a barbárie do século XX, uma barbárie marcada pelo individualismo, pelo indiferentismo religioso e pelo totalitarismo nazista. Para ela, toda essa barbárie é produto de uma sociedade altamente científica e racional. É preciso, pois, com a máxima urgência, reumanizar o homem. Essa reumanização só acontecerá quando novamente o homem reconhecer que a vida é um dom de Deus e que, por isso, precisa ser protegida. Para Edith Stein, essa tomada de consciência só acontecerá quando o Evangelho penetrar em todos os homens e em todas as estruturas sociais e de conhecimento. É por causa disso que Jacinta Turolo Garcia²² afirma que a formação humana, em Edith Stein, só é completa se for cristã, em sintonia com o Evangelho e com o Magistério da Igreja. No entanto, essa postura Edith Stein só conseguiu ter após a leitura e a profunda reflexão da obra de Tomás de Aquino.

Por fim, afirma-se que o frutífero diálogo desenvolvido por Edith Stein entre Husserl e Tomás de Aquino possibilitou, de um lado, uma ampliação da pesquisa no campo fenomenológico. Uma pesquisa que estava restrita a ciência e a psicologia, ampliou-se para a educação e a vida religiosa. Do outro lado, ela demonstrou que Tomás de Aquino não está preso a Idade Média. Para ela, o Aquinate tem muito a contribuir com a filosofia contemporânea e com a reumanização do homem. O tomismo desenvolvido por Edith Stein, conhecido como tomismo fenomenológico, é uma das grandes e fecundas contribuições que o neotomismo deu a filosofia no século XX, um neotomismo fundamentado na obra de Edith Stein.

Recebido para publicação em 02-11-12; aceito em 16-12-12

²² GARCIA, J. T. *Edith Stein e a formação da pessoa humana*. op., cit, p. 44, 47.